

TÍTULO: O MISERÁVEL

Em um impasse insolúvel de uma dor irreduzível, o Miserável caminha. Anda. Nunca corre. Não faz sentido correr de algo que já está contaminado, que o necrosa inteiramente. O fruto é direto, legítimo e imediato da desigualdade. O mundo não foi soldado para uma sociedade tão encaixotada. O Miserável se reconhece quando, ao invés de acreditar na fórmula, segue seu coração.

Por que Victor Hugo gerou um Miserável? Ele poderia ter sido rei em qualquer palácio encantado... Com suas cores, com sua ginga, no seu ritmo, sem entrar na dança dos outros. Quis a caneta do autor criar o contraste, que sua fórmula não se limitasse tanto, nesse mundo abundante, mas que tudo pudesse ser compartilhado e servir como aprendizado, somado e não segregado; que a cor de seu coração não manchasse tantos rostos, seja preto, seja branco, seja aqui ou ali.

Não trairei quem fui ou quem eu sou, meu íntimo, temporadas e capítulos de minha história, no meu autorretrato. Se mesmo me fazendo caber, minha alma se sobressai, será mesmo que preciso pensar como o preconceito faz? Subtraí-me nesses tantos iguais, ignorância cala, um ódio que a negligência prega. Mas mesmo aquele Miserável, que perante a sociedade foi colocado no "Quarto de Despejo", não se calou e rezando... Clamou: "Que essa vida não fosse tão dura, e que por vezes o calaram, que salvassem da opressão do cárcere da solidão". Rezava junto das reticências da dor, que seu pensamento renovasse, instigasse sua razão, que a diversidade não fosse graduada, mas ilimitada. Será que errar dessa forma é humano? Sem justiça não há paz e submissão é o sobrenome da aceitação. O Miserável implora que façam por ele o que não pode fazer, suplicar por tudo que não incluía e juntar o que sobrava, e cuidar de todos com a equidade. E as mazelas da sociedade fossem reparadas, mesmo que por um nada final feliz, mas com uma dura realidade de quem sofre na ficção e na vida literal.

Pseudônimo: Camomila